

**VELOSO, Maísa**  
Doutora, Universidade  
Federal do Rio Grande  
do Norte,  
[maisaveloso@gmail.com](mailto:maisaveloso@gmail.com)

**SILVA, André Barbosa  
Lima da**  
Graduando, Universidade  
Federal do Rio Grande  
do Norte,  
[lima.arqurb@gmail.com](mailto:lima.arqurb@gmail.com)

**LOBÃO, Roberta Souza**  
Graduanda, Universidade  
Federal do Rio Grande  
do Norte,  
[robertagool@hotmail.com](mailto:robertagool@hotmail.com)

667

# **A PESQUISA NA ÁREA DE PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL (2003-2015)**

## RESUMO

Este texto apresenta parte dos resultados de uma investigação mais ampla sobre a pesquisa na área de projeto de Arquitetura e Urbanismo (AU) no Brasil, tomando como base as produções científicas publicadas sob a forma de artigos nos anais dos Seminários PROJETAR no período 2003-2015. Considera-se que, embora existam hoje no Brasil outros fóruns de discussão sobre o projeto, o PROJETAR é o principal deles nos campos do ensino e da pesquisa científica, constituindo um bom indicador dessa produção, sobretudo porque parte importante dos artigos resulta de investigações coordenadas por docentes ou de teses e dissertações desenvolvidas por alunos de pós-graduação. Neste artigo específico, aprofundamos uma leitura inicialmente feita, dirigindo agora um olhar mais detalhado para as temáticas e os enfoques trabalhados em um total de 1.064 artigos registrados nos anais das sete primeiras edições do evento realizadas no Brasil, a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chaves. Os resultados dessa aproximação inicial com esse rico material nos permitem fazer algumas reflexões sobre a pesquisa nesse campo e confrontar alguns indicadores com o que revelam outras referências internacionais sobre design research, e mais especificamente sobre architectural design research. Indicam, principalmente, a crescente utilização do ateliê de ensino como laboratório de experimentações projetuais e o incremento de pesquisas sobre métodos e processos de projeto.

**PALABRAS CLAVE:** arquitetura, urbanismo, projeto, experimentação projetual, pesquisa científica.

## 1 SOBRE A PESQUISA NO CAMPO DO PROJETO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Uma discussão sobre a pesquisa na área de projeto de Arquitetura e Urbanismo (AU) coloca inicialmente algumas questões de ordem conceitual e epistemológica. A primeira delas é se temos um entendimento comum do que chamamos de projeto. As expressões proje(c)to, *projecto*, *projet* tem um mesmo sentido ao menos nas línguas latinas? Se sim, o que significa então um mestrado em “desenho” urbano ou em *design* de interiores ou, ainda, em *arquitetura* da paisagem? São, nesses casos, projeto, desenho, *design* e também arquitetura, termos que traduzem uma mesma intenção? A proposição/criação de um artefato, seja ele um tipo de espaço ou produto, por meio de uma ou mais de uma formas de representação? A expressão em si incluiria também o ato de *projetar*, o processo que envolve essa criação? Ou processo e produto projetual são coisas distintas? Estas são questões importantes de se esclarecer na definição de pesquisas sobre o projeto/projetar.

Ou seja, dadas as complexidade e abrangência dos termos, a investigação sobre projetos ou processos de projeto deve deixar claro de que projeto se está falando, explicitando sua conceituação, natureza, campo de conhecimento e escala de aplicação/intervenção a que se refere, assim como possíveis conotações particulares. No nosso caso, centramos, em nossas pesquisas, o olhar sobre o projeto de Arquitetura e Urbanismo, entendido como atividade intelectual criadora e, portanto, antecipatória do que virá a se constituir materialmente, ou hipoteticamente, como um edifício ou conjunto edificado em diferentes escalas, seja como uma parte/fração de uma cidade ou território, ou mesmo como uma cidade ou um conjunto de cidades/territórios inteiros, segundo determinadas lógicas adotadas deliberadamente pelo(s) arquiteto(s) / projetista(s) que lhes concebem, em uma perspectiva temporal mais ou menos extensa (VELOSO, 2017). Esse entendimento sintetiza o que diversos autores, como Boutinet (2002), Boudon *et al* (2000), Chupin (2003), expressam de maneiras diversas, porém enfatizando, em todos os casos, a natureza intencional, não aleatória, e fundamentada em ideias, conceitos ou princípios condutores (LAWSON, 2011) do ato de *projetar*. E isso inclui, além do processo, também os seus produtos - o projeto como um conjunto de representações que expressam essa atividade intelectual, e não apenas como simples “desenhos”. Esse entendimento do nosso grupo de pesquisa resultou na opção pela expressão PROJÉTAR como algo que congrega tanto processo como os produtos dessa atividade complexa que, no caso da Arquitetura e Urbanismo, envolve principalmente a criação de espaços para o convívio humano.

Uma segunda questão diz respeito aos usos e funções dos espaços e respectivas escalas de intervenção, que definem tipos e subtipos específicos de projetos possíveis de serem concebidos. Na arquitetura de edifícios: projetos de escolas,

hospitais, aeroportos, habitações, e tantos outros usos possíveis; na arquitetura da cidade ou projeto urbano: projetos de novos bairros, quadras, parques, praças, condomínios residenciais; terminais integrados de transportes e tantas outras funções que transcendem a escala do edifício; além de suas derivações: escolas de ensino fundamental, médio ou superior; habitações de alto luxo ou de interesse social, hospitais ou aeroportos públicos e/ou privados, quadras abertas ou herméticas, parques e praças de lazer e esportes, de abrangência (inter)nacional, regional ou local ou municipal, só para citar alguns “poucos” exemplos.

E ainda, dentro desses tipos temáticos/funcionais associados a uma escala de intervenção e/ou de abrangência, ainda seriam possíveis focar em abordagens ou recortes mais específicos ainda: projetos de acessibilidade (em escolas, hospitais, aeroportos ou espaços coletivos urbanos), de arquitetura de interiores, de acústica de salas ou de espaços abertos, com ênfase na sustentabilidade das construções e assim por diante. São então inúmeras as possibilidades de intervenções e, portanto, de experimentações e de pesquisas nesse vasto campo de conhecimento que envolve o projetar. Vale ressaltar que todas essas atribuições citadas são passíveis de serem exercidas pelo arquiteto urbanista brasileiro, segundo a legislação vigente (CAU/BR, 2010). Isso sem detalhar as atribuições do arquiteto paisagista também conferida pela formação em Arquitetura e Urbanismo no Brasil.

Enfim, o que pretendemos com essa discussão é ressaltar a diversidade de temáticas que podem ser trabalhadas, seja como campos de atuação profissional, seja no âmbito do ensino e da investigação na área de projeto de AU, o que coloca alguns problemas no momento em que se pretende estudar como são ensinados e pesquisados esses temas, no meio acadêmico notadamente, locus da formação profissional continuada. Os médicos e os engenheiros talvez tenham sido mais pragmáticos do que nós arquitetos/urbanistas quando se dividiram em especialidades, com delimitações mais ou menos claras de seus territórios de conhecimento e de atuação. É verdade que essa especialização também causou alguns ressentimentos entre eles e nostalgias entre nós, sobretudo quanto à ação dos chamados “clínicos gerais”, detentores de uma visão mais sistêmica do “corpo”, seja ele de uma pessoa, objeto, equipamento, sistema, mídia, edifício ou cidade. Em todo caso, diante tantas possibilidades de atuação no ensino, na pesquisa e na prática profissional, fica evidente ser difícil se construir um único corpus teórico e metodológico que pautasse essas múltiplas atividades, o que remete a outra questão, mais específica, sobre o conhecimento em projeto de AU.

Uma terceira questão repousa sobre o fato de como podemos construir conhecimentos científicos sobre a atividade projetual em AU, atividade que é, na prática profissional, uma atribuição específica do arquiteto / urbanista conforme a referida legislação brasileira, embora sua compreensão possa ser enriquecida com contribuições de diversos campos do conhecimento em uma abordagem inter,

multi ou transdisciplinar, conforme a natureza, os olhares lançados sobre objeto e as formas de participação dos diferentes agentes envolvidos no processo. Essa diferenciação, às vezes difícil, mas muito importante de se identificar, entre o fazer o projeto e a produção de conhecimentos sobre o projetar, nos leva a lembrar o que disseram alguns autores, como Boudon (2000; 2007), quando chamam a atenção para a diferença entre o conhecimento necessário para o fazer projetual (conhecimento para o projetar ou para conceber a arquitetura por meio do projeto) e o conhecimento que pode ser gerado a partir desse fazer/conceber, em geral construído por outras pessoas que não o projetista (conhecimento sobre o projetar, como ato de criação/concepção da arquitetura). Do ponto de vista da escala de intervenção, podemos estender esse entendimento para as escalas urbana e territorial.

A questão se torna mais complexa se considerarmos a natureza dos problemas (em geral “mal definidos”) e a multiplicidade de variáveis envolvidas nos processos de projeto (LAWSON, 2011) e, mais ainda, se ampliarmos o campo de abrangência das atividades de AU para o que Herbert Simon chamou de “ciências do artificial” (que tratam dos produtos da criação/fabricação humana, aí também incluindo as engenharias e o desenho industrial). Igualmente variadas são possibilidades de pesquisa em cada um desses domínios ou subdomínios do conhecimento. Estas configuram a design research, como sinteticamente designado no sentido anglo-saxão da palavra que, para alguns, dispensa a necessidade de complementos (CROSS, 2004; LAWSON, 2015). Nesse amplo e fértil universo, Kowaltowski e Moreira (2015) sintetizam os tipos de pesquisa listados por Groat e Wang (2013), que incluem, além de estudos sobre processos de projetos (visando “entender o processo”), pesquisa qualitativa, pesquisa-ação, estudos de casos, dentre outras. Destacamos a pesquisa construtivista ou constructive research, atualmente vista como um tipo de pesquisa sobre processos de projeto com maior confiabilidade de resultados (KOWALTOWSKI e MOREIRA, 2015, p.44). Nesse entendimento, não só a pesquisa em si como a construção de conhecimentos por ela engendrada se dá através do projeto, podendo ser construídos ao longo do próprio processo, com base na sua prática (practice-based research). Koskinen et al (2011, p.5) ressaltam a importância da pesquisa construtivista, which refers to design research in which construction — be it product, system, space, or media — takes center place and becomes the key means in constructing knowledge. Esse tipo de pesquisa pode ser desenvolvido tanto no campo/terreno, como no laboratório ou no showroom, mas, como alertam os autores, esse conhecimento construído não deve ser desarticulado das teorias existentes ou em desenvolvimento. Schön (2000) chama atenção para o ateliê de projeto, neste caso no contexto do ensino/aprendizado, como um espaço igualmente propício para a pesquisa baseada no

projeto (*project-based research*) e a reflexão na ação. Nesse sentido, a sala de aula/ateliê de projeto se torna também um laboratório de experimentação projetual.

Como destacamos anteriormente, a partir de levantamento e revisão da literatura selecionada como referencial para as nossas pesquisas no âmbito do Grupo PROJETAR/UFRN (1), as investigações na área de projeto de AU no Brasil envolvem, mais frequentemente, três abordagens ou enfoques metodológicos:

1. As pesquisas sobre experimentações projetuais, nos exercícios teóricos e práticos de ateliês, no contexto de ensino/aprendizado de projeto (na formação profissional continuada do arquiteto urbanista);
2. As pesquisas sobre experimentações projetuais no âmbito de práticas profissionais, individuais ou coletivas, nos escritórios ou empresas de arquitetura e urbanismo;
3. As pesquisas de cunho teórico-conceitual e epistemológico (sobre o conhecimento) gerado por essas práticas em ambas as esferas (acadêmicas ou profissionais).

Principalmente nas duas primeiras situações, os estudos de casos são mais frequentes.

Diante do exposto, procuramos, em uma pesquisa específica, analisar o que se tem produzido no Brasil no campo da investigação científica na área de Projeto de AU no período 2003-2015, equivalente à realização das primeiras sete edições dos Seminários PROJETAR. Neste artigo, apresentamos alguns dos resultados de uma pesquisa mais ampla financiada pelo CNPq (2), em que aprofundamos uma leitura inicialmente feita (VELOSO, 2015), dirigindo agora um olhar mais detalhado para as temáticas e enfoques trabalhados em um total de 1.064 artigos registrados nos anais destas sete primeiras edições do evento, a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chaves.

Para tanto, além da revisão de literatura e de uma discussão teórica-conceitual inicial, aqui por nós brevemente sintetizada nesse primeiro item, apresentamos, no item seguinte, o universo e os procedimentos metodológicos da pesquisa aplicada, para depois discutir os principais resultados dessa investigação, que contou com a colaboração efetiva de nossos bolsistas de iniciação científica, que colaboraram na enorme tarefa de coleta, seleção, sistematização e análise (sobretudo quantitativa, mas também qualitativa) do farto material produzido pelos Seminários PROJETAR em 12 anos de existência no contexto brasileiro.

## 2 A PRODUÇÃO DOS SEMINÁRIOS PROJETER 2003-2015 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Os artigos dos Seminários PROJETER 2003, 2005, 2007, 2009, 2011, 2013 e 2015 encontram-se disponíveis no banco de dados do Grupo PROJETER/UFRN, denominado Projedata (3). Na comunidade “Seminários PROJETER” e/ou na página de qualquer uma das edições do evento (sub-comunidades), pode-se buscar os artigos pesquisando-se por título, autor(es), data ou assuntos gerados a partir do cadastro de palavras-chaves no sistema. Uma vez localizado o artigo, pode-se obter informações sobre ele também por meio do resumo, além do próprio arquivo contendo a versão completa do trabalho em formato pdf, versão disponível para download.

Nesta pesquisa, os títulos e as palavras-chaves dos artigos publicados nos anais desses seminários foram inseridos em planilhas criadas através do software Microsoft Excel (parte do pacote Office), devido a sua capacidade de trabalhar com funções matemáticas, gerando, assim, sete planilhas similares à representada na Figura 1, que exemplifica uma parte do cadastro dos artigos publicados na primeira edição do evento, realizada na cidade Natal, em 2003. No total, retiradas algumas poucas redundâncias, foram computados 1.064 artigos e 3.422 palavras-chaves cadastrados no sistema, indicando uma média de 3,2 palavras-chaves por artigo (de modo geral, numa margem possível de 3 a 5 palavras-chaves, sugerida pelas normas para redação dos artigos). Alguns artigos não indicavam as palavras-chaves, o que levou os pesquisadores a determinar essas palavras a partir da análise do que indicavam o título e o resumo. Além disso, algumas palavras-chaves definidas pelos autores não possuíam conexão com o texto, sendo então necessário acrescentar palavras que melhor definissem seu conteúdo, o que foi devidamente

**Figura 1: Recorte da planilha-resumo de títulos e palavras-chaves dos artigos do Seminário Projeter 2003**

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores, 2017.

| Títulos Projeter 2003 (89) |  | Tabela Artigos Projeter |                        |                               | Palavras-C |
|----------------------------|--|-------------------------|------------------------|-------------------------------|------------|
| 1                          | A Análise de Projetos para a Formação do Repertório Arquitetônico                              | Método                  | Ensino                 | Repertório                    |            |
| 2                          | A Avaliação da Aprendizagem na Prática Pedagógica do Projeto de Arquitetura                    | Projeto de Arquitetura  |                        | Ensino                        |            |
| 3                          | A Busca pela Integração entre Teoria e Prática no Ensino e Projeto de Arquitetura              | Projeto de Arquitetura  | Teoria da Arquitetura  | Ensino                        |            |
| 4                          | Acessibilidade nos Espaços Públicos Urbanos como Tema Inovador no Ensino de Arquitetura        | Acessibilidade          | Projeto Urbano         | Metodologia de Ensino         |            |
| 5                          | A Construção de uma Metodologia de Ensino  | Ensino de Projeto       | Metodologia de Ensino  | Projeto de Arquitetura        |            |
| 6                          | A Construção Dialética do Conhecimento como Método de Ensino de Projeto de Arquitetura         | Ensino de Arquitetura   | Metodologia de Projeto | Método Dialético              |            |
| 7                          | A Construção Social do Conhecimento no Atelier de Projeto de Arquitetura                       | Arquitetura             | Ensino                 | Projeto                       | C          |
| 8                          | A Crítica da Arquitetura na Discussão da Ética e da Estética: Barra da Tijuca                  | Crítica                 | Ética                  | Estética                      |            |
| 9                          | A (Des)Construção do Princípio Ensaio sobre o Ensino do Projeto de Arquitetura                 | Projeto de Arquitetura  | Ensino                 | Desconstrução                 |            |
| 10                         | A Ergonomia na Arquitetura, Acrescentando Conhecimentos no Projeto de Arquitetura              | Ergonomia               | Arquitetura            | Metodologia de Projeto        |            |
| 11                         | A Falta de reflexão e Crítica vista como um Obstáculo ao Ensino de Arquitetura                 | Ensino                  | Reflexão               | Crítica                       |            |
| 12                         | A Investigação do Processo de Concepção em Projeto de Casa Sustentável                         | Concepção               | Processo               | Arquitetura                   |            |
| 13                         | Análise da Disciplina para o Ensino de Iniciação em Projeto                                    | Projeto de Arquitetura  | Atividade Projetual    | Ensino                        |            |
| 14                         | Análise da Identidade Tipológica na Sistematização do Ato de Projetar                          | Método                  | Linguagem              | Idéia                         |            |
| 15                         | A Paisagem como Elemento de Concepção e de Análise do Projeto                                  | Paisagem                | Projeto                | Condicionantes                |            |
| 16                         | APO, Behavior Settings e Rep Grid como Instrumentos para Elaboração de Projetos de Arquitetura | Avaliação Pós-Ocupação  | Behavior Settings      | Normatização de Projetos Arqu |            |
| 17                         | Apo em Unidade de Urgência/Emergência de uma Hospital Geral: sua Construção                    | Análise                 | Projeto                | Avaliação Pós-Ocupação        |            |
| 18                         | A Prática do Croqui, a Memória e a Criatividade  | Croqui                  | Memória                | Criatividade                  |            |

assinalado para indicar que a inserção foi feita pela equipe de pesquisa para o fim exclusivo de análise, sem alteração do cadastro original no sistema *on line*.

Por fim, no conjunto das palavras chaves, foram encontrados casos em que várias palavras tinham o mesmo significado, como, por exemplo, "Projeto de Arquitetura", "Projeto Arquitetônico", "Projeto de Edifícios". Nessas situações, as palavras foram por nós agregadas em uma única categoria, substituindo-se automaticamente na planilha todas as demais com significado similar. Cada palavra-chave modificada, inserida ou adaptada durante a pesquisa teve sua respectiva célula colorida como forma de registro da memória do trabalho. Esse procedimento facilitou a tabulação e análise dos dados tendo em vista a diversidade de palavras encontradas, evitando redundâncias e fragmentação excessiva dos indicadores.

Concluída essa etapa de agregação, foi feita uma primeira verificação da incidência das palavras-chaves constantes na listagem de artigos, a fim de se melhor visualizar que temas e assuntos eram mais frequentemente trabalhados. Persistindo ainda um grande número de palavras-chaves diferentes, optou-se por agrupá-las inicialmente em 11 categorias que apresentaram maiores incidências no universo total: Ensino, Pesquisa, Prática, Metodologia, Teoria, Crítica, Percepção, Análise e Avaliação, Habitação, Patrimônio e Forma. Além destes, outros temas relativamente recorrentes também se destacaram, sendo então agrupados em um nível secundário de 14 subcategorias: Projeto de Arquitetura, Projeto Urbano, Projeto Paisagístico, Construção, Workshop, Representação Gráfica, Ferramentas Computacionais, Sintaxe Espacial, Acessibilidade, Tectônica, Programa Arquitetônico, Conforto Ambiental, Arquitetura Escolar e Arquitetura Hospitalar. Cada uma destas categorias e subcategorias inicialmente identificadas contém necessariamente a palavra-chave que lhe dá o título, além de outras cujo significado esteja na mesma área ou subárea de conhecimento. A princípio, haveria a categoria Projeto junto às demais, mas percebeu-se que a maioria absoluta dos artigos trazia uma palavra-chave relativa ao Projeto, dado o foco central do evento, tornando redundante sua busca isolada. As palavras-chave agrupadas dentro das categorias e subcategorias foram inseridas em uma planilha intitulada Somas. Finalizou-se esta etapa com 157 palavras-chaves diferentes, dentre as mais incidentes.

O procedimento seguinte foi a contagem, através dos mecanismos próprios do Excel, das palavras-chaves constantes da planilha Somas dentro das planilhas-síntese dos artigos de cada uma das sete edições do evento. Tomando como o exemplo da palavra **Ensino**: usando a função CONTE.SE do Excel, foi contada quantas vezes esta palavra apareceu na listagem de palavras-chaves nos seminários de 2003 a 2015. Ensino foi de fato a palavra mais recorrente no universo analisado, como mostraremos no item seguinte. Mesmo assim a diversidade ainda foi considerável dentro do universo de trabalhos, denotando as amplas possibilidades de temáticas de estudo e pesquisa no campo do projeto.

Esta diversidade foi reduzida com a utilização de uma *categoria dominante* para cada artigo, definida pela coordenadora da pesquisa, de forma que, para cada artigo, foi atribuída apenas uma palavra que expressasse sinteticamente sua temática ou foco principal, definindo um total de 1064 palavras-chaves distribuídas em 8 grandes categorias. As categorias dominantes foram Ensino, Pesquisa, Prática, Metodologia, Teoria, Crítica, Percepção e Análise e Avaliação, sendo estes os temas ou abordagens gerais mais comuns tratadas no âmbito das produções dos Seminários PROJETAR.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados resultantes da aplicação desses procedimentos iniciais de análise constam de planilhas individuais do Excel, separadas por ano, quadros de indicadores absolutos e porcentagens, além de informações auxiliares para melhor compreensão dos dados e de uma planilha geral com os indicadores totais das principais categorias observadas no conjunto dos sete eventos. Os indicadores obtidos revelam a recorrência dessas temáticas principais ou secundárias através dos anos, sendo possível notar a maior incidência de uma categoria em um ano específico ou no conjunto das edições do evento como um todo. Nesse artigo, apresentamos apenas as análises dos resultados gerais para as sete edições do Seminário, embora seja possível também fazer análises por edição, focadas em um ano ou em uma temática específica, conforme o interesse do pesquisador. Só para citar um exemplo, no ano de 2007, no III PROJETAR em Porto Alegre, foi alta a incidência de artigos com temáticas relativas ao projeto de intervenção no patrimônio edificado (restauros, reusos, reciclagens, retrofit e derivados), agregadas na categoria PATRIMÔNIO. Isto se deveu ao tema central exposto na chamada de trabalhos daquele evento: O moderno já passado / o passado no moderno: reciclagem, requalificação, rearquitetura.

Dentro das categorias de palavras-chave dominantes, as três consideradas como indicativas dos principais eixos temáticos do PROJETAR - Ensino, Pesquisa e Prática, foram as primeiras a serem analisadas mais detalhadamente, sendo que a de Ensino foi a que mais se destacou. Os artigos com foco no Ensino do projeto corresponderam a aproximadamente 40% do total de artigos publicados nas sete edições. Em segundo lugar, destacaram-se artigos sobre Metodologia (26,2%) e, em terceiro, sobre Análises e Avaliações de projetos (9,2%), como destacado em negrito na tabela apresentada à figura 2. Deve-se também destacar os artigos abrangendo Teoria e Crítica, categorias temáticas que juntas representam 14% do universo total.



**Figura 2: Tabela de porcentagens totais das categorias temáticas dominantes.**

Fonte: Anais dos Seminários PROJÉTAR. Elaborado pelos pesquisadores, 2017.

| CATEGORIAS DOMINANTES (2003-2015) | TOTAIS |
|-----------------------------------|--------|
| Ensino                            | 39,7%  |
| Pesquisa                          | 4,2%   |
| Prática                           | 4,7%   |
| Metodologia                       | 26,2%  |
| Teoria                            | 7,8%   |
| Crítica                           | 6,3%   |
| Percepção                         | 1,9%   |
| Análise e Avaliação               | 9,2%   |

Já a Pesquisa só foi destacada em apenas 4,2% (ou 45 dos 1064) dos artigos que integram o universo analisado. É um dado que causou surpresa, pois, com base na experiência de organização e/ou de participação na comissão científica dos Seminários PROJÉTAR, sabemos que parte substancial dos textos neles apresentados é produto de pesquisas acadêmicas e de experimentos de ensino ou práticas em ateliê de projetos, mas eles não são indicados pelos autores nem no título nem nas palavras chaves, sendo necessária a leitura do resumo e, em alguns casos, do artigo inteiro, incluindo suas notas de rodapé, para que se tenha essa compreensão. Mesmo assim, pode-se constatar que esses 45 artigos indicam a prevalência de estudos de caso, como sugere a bibliografia consultada sobre pesquisas no campo do projeto de AU. As abordagens metodológicas utilizadas dificilmente são identificadas por esses indicadores iniciais dos textos. A pesquisa de abordagem construtivista, por exemplo, considerada atualmente como uma das mais pertinentes para análise de processos de projeto, praticamente não aparece no material até aqui analisado, à exceção de três trabalhos, que sugerem essa abordagem por meio de palavras como “construção do conhecimento”, algo a ser verificado mais detalhadamente na próxima etapa com a leitura dos textos completos e não apenas seus indexadores.

Os artigos classificados na categoria Prática representaram menos de 5% da produção do evento no período analisado, sugerindo uma cultura ainda pouco reflexiva sobre as práticas projetuais e, sobretudo, pouco voltada para a produção de conhecimentos com base nessas práticas, ao menos no âmbito desse estrato até aqui analisado. No entanto, assim como no caso da baixa ocorrência da Pesquisa nos títulos, resumos e palavras-chaves, a palavra Prática pode ter sido omitida desses elementos em análise, mas poderiam os artigos a ela se referir, o que só será possível aprofundar quando a busca abranger os textos completos, com auxílio de programas computacionais. Mesmo assim, esse dado deixa claro que Prática não é uma palavra muito utilizada para indicar do que tratam os artigos do PROJÉTAR.

Quanto às subcategorias de palavras-chave indicadoras de temáticas mais específicas abordadas nos textos, destacamos Habitação, Arquitetura Escolar, Patrimônio, Representação Gráfica e Informática aplicada e estudos da Forma (análise tipológica, sintaxe espacial, shape grammar) como aquelas mais recorrentes nos eventos. Como dissemos, a incidência de artigos classificados na categoria Patrimônio foi muito concentrada na edição de 2007 em Porto Alegre, pois essa era a temática central daquele Seminário. Paradoxalmente, a temática principal enfocada na chamada pode às vezes não atrair muitas respostas. Foi o caso da sétima edição desse Seminário, que depois de circular pelo Brasil voltou às suas origens, em Natal no ano de 2015. Apesar da temática central ter sido Originalidade, Criatividade e Inovação no Projeto Contemporâneo, poucos artigos trataram efetivamente de um ou mais de um desses conceitos. Fizemos, por exemplo, uma busca rápida pela palavra Criatividade nos títulos e palavras chaves dos artigos dessa edição de 2015 e, de um total de 244 trabalhos publicados, ela só apareceu em 20 artigos (seja no título ou nas palavras chaves), ou seja em menos de 10%, sendo também preciso verificar se essa palavra está presente no corpo do texto e, mais ainda, se ela indica seu principal foco.

Sem dúvida, essa primeira aproximação do vasto material produzido pelos Seminários PROJETAR é ainda limitada, pois restringe-se à leitura dos descritores dos artigos, mas, mesmo assim, constitui um bom estado da arte da pesquisa nesse campo do Brasil, se considerarmos que a essência de um objeto de estudo científico ou tecnológico deve estar adequadamente expressa em seus título, resumo e palavras-chaves, seus principais descritores.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação até aqui desenvolvida evidenciou, em primeiro lugar, as dificuldades de se pesquisar sobre a pesquisa. Em primeiro lugar, por conta diante da diversidade e da complexidade de temáticas e abordagens possíveis de serem trabalhadas no campo do projeto de AU, como foi discutido na primeira parte desse trabalho e evidenciado pelos dados empíricos da pesquisa. A diversidade de palavras-chaves encontradas dificultou as análises e indicando também, a nosso ver, a necessidade de construirmos um dicionário de palavras mais comuns no campo do ensino e da pesquisa na área, uma espécie de thesaurus do projeto em Arquitetura e Urbanismo. Outra dificuldade de busca ocorreu porque a palavra Pesquisa raramente aparece nas palavras-chaves dos artigos, sendo eventualmente mencionada nos resumos. Além disso, algumas das palavras-chaves não representam com clareza o conteúdo expresso nos resumos. O mesmo ocorreu com alguns títulos que não refletiam adequadamente o objeto. Isso nos faz chamar atenção de estudantes e pesquisadores da área no sentido de dar mais importância a esses indicadores de

suas produções, pois são eles que ficam mais visíveis nas consultas em bancos de dados digitais e sítios de internet.

Apesar dessas dificuldades, essa primeira aproximação com o rico material produzido pelos Seminários PROJETER nos permite ratificar a prevalência das temáticas relativas ao Ensino do Projeto, notadamente de experiências didático-pedagógicas em situações diversas, evidenciando que, cada vez mais, o ateliê de projeto se torna, no Brasil, um lócus de práticas reflexivas, tal como observado para outros contextos por Schön (2000). Indica também o interesse crescente por estudos de métodos e processos de projeto, rompendo um pouco com os limites assinalados por Celani (2003) no I PROJETER.

Quanto à continuidade da pesquisa, na etapa seguinte, será feita uma análise qualitativa de amostra estatisticamente significativa dos artigos completos, por edição do evento, o que nos permitirá, além de uma melhor percepção das temáticas trabalhadas, aprofundar outras questões como os referenciais teóricos e metodológicos utilizados pelos pesquisadores que fazem do projetar seu objeto de estudo.

## 5 AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional Científico e Tecnológico (CNPq), do Ministério da Ciência e Tecnologia / BRASIL pela bolsa de produtividade em pesquisa concedida à coordenadora dessa investigação (processo número 309063/2015-9) e pelas bolsas de iniciação científica dos estudantes envolvidos, essas últimas distribuídas por meio da PROPESQ/UFRN.

## 6 REFERÊNCIAS

- CROSS, N. Expertise in Design: an overview. *Design Studies*. 25. 2004. p.427-441.
- BOUDON, P. ; DESHAYES, P. ; POUSIN, P. ; SCHATZ, F. Enseigner la Conception Architecturale - Cours d'Architecturologie. Paris: Éditions de la Villette, 2000.
- BOUDON, P. Do espaço arquitetural ao espaço de concepção. In: DUARTE, R.; RHEINGANTZ, P.A; AZEVEDO, G.; BRONSTEIN, L. (org.). O LUGAR DO PROJETO no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Contracapa Editores, 2007.
- BOUTINET, J-P. Antropologia do Projeto. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CAU/BR – Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil. Lei n.12.378 de 31/12/2010. Disponível em <http://www.caubr.gov.br/leisfederais/>. Acesso em 20 de maio de 2017.
- CELANI, M.G. Recuperando o tempo perdido: porque recusamos o método e como ele ainda poderia nos ajudar. PROJETER 2003 – Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura. Anais..., Natal, UFRN, 2003.
- CHUPIN, J-P. As três lógicas analógicas do projeto em Arquitetura: do impulso monumental à necessidade de pesquisa, passando pela inevitável questão da “ensinabilidade” da arquitetura. In: LARA, F. e MARQUES, S. (org.). PROJETER: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto. Rio de Janeiro: Editora Virtual Científica, 2003.
- KOSKINEN, I.; ZIMMERMAN, J.; BINDER, T.; REDSTRÖM, J.; WENSVEEN, S. Design Research Through Practice: From the Lab, Field and Showroom. Waltham, MA, USA: Elsevier/ Morgan Kaufmann, 2011.
- KOWALTOWSKI, D.; MOREIRA, D. As pesquisas sobre processos de projeto em arquitetura: argumentos para uma reflexão. Revista PROJETER – Projeto e Percepção do Ambiente, v.1.n.1, p.42-52, novembro, 2015.
- LAWSON, B. Como Arquitetos e Designers pensam. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
- LAWSON, B. Design Research in Architecture: An Overview. *Design Studies*. v.36.n.1.p.125-130, janeiro, 2015.
- SCHÖN, D. Educando o profissional reflexivo- um novo design para o ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.
- VELOSO, M. A pesquisa no campo do projeto de Arquitetura e Urbanismo no Brasil na perspectiva dos Seminários PROJETER 2003-2013. Revista PROJETER –